

## APRESENTAÇÃO

Poucas revistas acadêmico-científicas brasileiras da área de literatura e linguística dedicam espaço à literatura e à cultura japonesa. Procurando preencher esta lacuna, temos a satisfação de apresentar aos nossos leitores um dossiê sobre o Japão que traz o sugestivo título de “O pensamento japonês”.

Como o próprio título indica, os trabalhos não se restringem ao âmbito da literatura, mas abordam também temas histórico-sociais e linguísticos. Decidimos abrir uma exceção nas regras que regem a nossa revista no que diz respeito à temática, exclusivamente literária, porque este interessante dossiê ficaria incompleto se a análise do “pensamento” japonês fosse centrada apenas na literatura. Acreditamos que a exceção feita neste volume se justifique plenamente.

Em seis ótimos artigos, o dossiê convida os leitores a um mergulho na cultura japonesa contemporânea, com abordagens que investigam as relações entre identidade e cultura no Japão, tanto no âmbito dos estudos sociopolíticos como no que concerne ao panorama literário ou ao importante tema das traduções no contexto da abertura do país para o Ocidente.

O artigo de Diogo César da Silva destaca a musicalidade no início da poesia moderna japonesa. Diogo mostra como as coletâneas *Shintaishi shō* (*Seleção de Poesias em Novo Estilo*, 1882), e *Omokage* (*Vestígios*, 1889) traduziram para o idioma japonês certos poemas escritos originalmente em várias línguas europeias, na tentativa de dar à poesia japonesa uma nova forma.

Em meio a várias considerações interessantes, o segundo artigo do nosso Dossiê acompanha as ousadas propostas de ocidentalização da poesia japonesa, a partir da primeira tentativa de composição de poemas em japonês ao estilo ocidental, isto é, famosa antologia *Shintaishi shō*, *Seleção de Poesias em Novo Estilo*, de 1882. Os responsáveis por essa primeira tentativa foram os compiladores Toyama Masakazu (1848–1900), um sociólogo, Yatabe Ryōkichi (1851–1899), um botânico, e Inoue Tetsujirō (1855–1944), um filósofo que se interessava especialmente pela filosofia alemã.

Particularmente, ainda no que concerne à tradução, o período histórico denominado de Meiji foi bastante importante para a abertura do Japão para os valores ocidentais, como pode ser facilmente verificável no quarto artigo do dossiê, escrito por Gabriel de Oliveira Fernandes e Neide Hissae Nagae, ambos da USP.

A literatura japonesa do século XX também não está ausente do dossiê: no quinto artigo, João Marcelo Monzani, da UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisa a “primeira trilogia” do romancista japonês Natsume Sōseki. Para realizar o seu estudo, Monzani elabora um estudo comparativo entre a filosofia do dinamarquês Kierkegaard e a narrativa de Sōseki.

Até mesmo o aspecto religioso, ligado ao budismo e muito importante para compreender o pensamento japonês hodierno, está presente no sexto e último artigo, de Júlio Nascimento. O articulista procurou dar ênfase ao que denomina “budismo leigo”.

Particularmente, o estudo ressalta o “budismo leigo” proposto por Ōuchi Seiran (1845-1918).

De qualquer maneira, e com muitos detalhes, os leitores poderão encontrar mais informações a respeito do dossiê na apresentação de Ernani Oda, pesquisador da UNIFESP, Universidade Federal de São Paulo. Oda, que também escreve o terceiro artigo do dossiê, sobre a teoria do estado-nação, associada principalmente às ideias de Nagao Nishikawa (1934-2013), foi também responsável pela organização dos trabalhos.

A “Seção Livre”, não menos rica que o “Dossiê”, conta com colaboradores de outros países e se refere a temas exclusivamente do âmbito literário, mas com grande variedade temática. No primeiro ensaio, Álvaro Cardoso Gomes dedica-se ao decadentismo francês e mais especificamente ao escritor J.-K Huysmans, ou Joris-Karl Huysmans, pseudônimo de Charles-Marie George (1848-1907). Cardoso Gomes procura demonstrar como o escritor francês no romance *À rebours* afasta-se das convenções da literatura naturalista e rompe com todos os padrões romanesco adotados até então. A interdisciplinaridade entre a literatura e outras artes, bem como entre a literatura e as ciências naturais, adquire grande relevância em *À rebours*, pois o romancista francês, contrariando a estética naturalista, não acreditava que o ser humano pudesse se encaixar em fórmulas científicas que tudo pretendiam explicar.

O romance de Huysmans imagina não apenas a integração entre os saberes humanos, mas também entre os sentidos. A título de exemplo, o protagonista associa a degustação de um licor ao som de um instrumento musical, isto é, uma sensação gustativa torna-se capaz de provocar uma sensação auditiva. O ensaio de Álvaro Cardoso Gomes, como nossos leitores poderão verificar, enfatiza que as relações entre as ciências preconizadas pelo romance baseiam-se essencialmente na linguagem e no estilo, traduzindo-se em descrições minuciosas e barrocas.

No segundo ensaio, Anderson Bastos Martins, Vinícius Paulo Corrêa Almeida, Vítor Nogueira Alves e Paula Cristina Souza Rocha, sustentando-se na teoria da “leitura distante”, elaborada por italiano Franco Moretti, analisam o acervo de romances inscritos para o 8º *Prêmio Passo Fundo Zafarri & Bourbon de Literatura* de 2013. Trata-se, portanto, de um estudo bastante original, à medida que se refere à recepção de obras literárias que frequentemente não encontram leitores ou deixam de ser lidas num breve espaço de tempo.

No terceiro artigo, Carolina Navarrete Gonzales, Maria Adelaida Escobar-Trujillo e Gabriel Saldias Rossel, professores, respectivamente, da Universidade de La Frontera, Chile, da Universidade de British Columbia, Vancouver, Canadá, e da Universidade Católica de Temuco, Chile, enfocam as atividades do Movimento pró-Emancipação da Mulher Chilena por meio das cartas das ativistas e do periódico *La Mujer Nueva*. No estudo, os articulistas ressaltam o desejo de mudança da condição da mulher chilena, sobretudo no que diz respeito à igualdade entre os salários, ao direito ao aborto e aos direitos trabalhistas das empregadas domésticas. O suporte teórico utilizado baseia-se nas ideias relativas à “ética do cuidado” proposta por Carol Gilligan.

Os articulistas ressaltam a importância da prevenção no que diz respeito aos crimes contra as mulheres chilenas e a importância da formação de uma “aliança” por meio das cartas.

No quarto artigo, Cecilia Ximena Olivares Koyck, professora da Universidade Andrés Bello, de Viña del Mar, Chile, aborda o romance *Estrellas Muertas*, de Alvaro Bisama. Baseando-se em teorias relativas à construção da memória, a articulista examina minuciosamente o desenvolvimento no romance do processo de recuperação das memórias de perda de identidade, abuso sexual e demais violências ligadas à ditadura chilena dos anos 70.

Em seguida, Joaci Pereira Furtado, da Universidade Federal Fluminense, observa os versos épicos de *A Conceição: o naufrágio do Marialva*, escrito por Tomás Antonio Gonzaga e baseado em fatos históricos. Em 02 de setembro de 1802 o navio português *Marialva* naufragou na costa africana, próximo a Moçambique, provocando a morte de cerca 136 pessoas. Joaci analisa os aspectos dos versos em que Gonzaga parece filiar-se à tradição de Camões, exaltando feitos da nação portuguesa, mas, ao mesmo tempo, trabalhando com relativo distanciamento o contexto histórico diretamente ligado ao naufrágio, dando maior ênfase a eventos gerais relacionados a Portugal.

No sexto artigo, José Rivera-Soto, da Universidade Viña del Mar, Chile, estuda o romance *Mala Onda*, de Alberto Fuguet. O trabalho de José Rivera está centrado no retrato feito pelo romancista dos aspectos sociais relacionados à permanência do neoliberalismo econômico após a queda da ditadura, nos anos 90. Como fundamentação teórica, Rivera-Soto utiliza as ideias de Tomás Moulian e do cientista social francês Gilles Lipovetsky.

Rivera-Soto enfatiza também a associação do escritor chileno ao que se convencionou chamar de “Nova Narrativa Chilena”, nos anos 1980. Muitos críticos literários chilenos, porém, como, por exemplo, Bianchi, não acreditam que romances de níveis tão diferentes possam ser rotulados como pertencentes a esta nova moda literária. De fato, para esses críticos, Fuguet acaba sendo associado a uma época de crise, os anos 1990, na qual a ditadura havia deixado um legado pernicioso de neoliberalismo, com profundos reflexos na narrativa.

No sétimo e último artigo, Frak Torres Vergel, da Universidad del Magdalena, Colômbia, dedica-se à análise do conto *La Casa Tomada*, do escritor argentino Julio Cortázar, ressaltando as características que inserem este conto na narrativa do escritor argentino.

De fato, e Vergel procura claramente demonstrar, Cortázar sempre deu grande espaço ao fantástico e a alguns aspectos do imaginário de horror. O articulista preocupa-se em definir o que chama de “neofantástico” neste tipo de narrativa, a qual utiliza a técnica do silêncio e das sugestões.

Para concluir a nossa “Apresentação”, não poderíamos deixar de registrar também, com muita tristeza, o falecimento de Andrea Battistini, ocorrido há pouco mais de um mês. Battistini foi um dos maiores italianistas dos últimos anos, tendo publicado muitos trabalhos importantes sobre praticamente todos os períodos da fértil literatura do “bel paese”. Discípulo de Ezio Raimondi, um dos maiores intelectuais italianos do século XX, professor da Universidade de Bolonha, foi também um dos nossos colaboradores e membro da nossa Comissão Editorial.

Battistini dedicou boa parte de seus aprofundados estudos às relações entre as ciências “naturais” e a literatura, destacando particularmente Galileu Galilei e a poesia barroca. A amplitude dos seus estudos dificilmente poderia ser resumida em poucas palavras. Uma mera consulta do seu curriculum revela certamente uma carreira brilhante, em que as pesquisas foram feitas com paixão e dedicação total, duas características que, infelizmente, quase sempre estão ausentes no ambiente acadêmico, excetuando, é claro, os que ainda resistem à massificação, às exigências de produção numérica, quantitativa, e à burocratização que transforma pesquisadores em funcionários que cumprem um protocolo.

Em 2010, tivemos a honra de publicar a tradução de um ensaio em que ele esmiuçou as relações complicadas entre as ciências e a literatura do “Novecento”, do futurismo a Italo Calvino. Tal ensaio, um dos mais exaustivos do gênero, ao menos no que se refere aos estudos de italianística, enfatizava as complicadas e por vezes conflituosas relações entre os escritores italianos e as ciências naturais e o novo contexto de progresso tecnológico, desde as últimas décadas do século XIX aos anos 80 do século XX.

No ensaio mencionado, Battistini procurou destacar principalmente o papel de Giovanni Pascoli, Carducci, D’Annunzio e dos futuristas, mostrando também as ambiguidades e incoerências das posições assumidas por esses escritores. A tradução, por nós realizada, procurou, dentro do possível, não apenas ser fiel ao texto original, como também tentou reproduzir o estilo enxuto e a objetividade do ensaísta.

As ponderações de Battistini serviram de base para muitas dissertações, teses e artigos científicos, cumprindo plenamente os objetivos que toda revista científica séria busca atingir. A recepção do artigo na época foi, portanto, bastante positiva e ajudou certamente a alavancar os estudos de literatura italiana no Brasil, sobretudo os que buscam relacionar as ciências naturais e a visão crítica manifestada nas artes, particularmente na literatura.

O ilustre professor de Bolonha sempre nos atendeu com gentileza e prontidão, revelando plenamente a sua enorme erudição e conhecimento, tornando-se, para a nossa revista, um ponto de referência seguro, sobretudo no que se referiu à literatura peninsular. A Comissão Editorial da Revista de Letras perdeu, enfim, um ponto de apoio importante que dificilmente será substituído.

Nosso agradecimento especial ao indispensável trabalho dos pareceristas. De fato, sem as observações, ponderações e recomendações desse grupo de estudiosos e pesquisadores dificilmente teríamos conseguido elaborar uma seleção correta e justa das inúmeras submissões de trabalhos que recebemos ao longo do ano.

Ressaltamos ainda que o volume de submissões tem aumentado substancialmente nos últimos anos, sobretudo no que concerne às contribuições de outros países. Como já afirmado anteriormente, neste número em particular pudemos contar com a colaboração de estudiosos que abordaram a cultura japonesa, tema não muito frequente na maioria das revistas acadêmicas brasileiras. Trata-se, talvez, de uma “ousadia” que muito orgulhosamente apresentamos aos nossos leitores.

Nesta época de pandemia, em que o trabalho dos nossos colaboradores foi certamente dobrado e submetido a muitas dificuldades relacionadas à impossibilidade

de deslocamento, nossa alegria em poder concluir mais um número foi multiplicada certamente por mil. Não se pode esquecer também que os próprios articulistas e os membros da nossa Comissão Editorial enfrentaram dificuldades que provocaram enormes atrasos. Enfim, tempo melhores virão e mais um desafio foi vencido.

Concluindo, gostaríamos de agradecer ainda aos articulistas que gentilmente submeteram os seus trabalhos, revisando-os pacientemente, quando necessário, a Tânia Zambini, pela normalização da revista, e aos funcionários do Laboratório Editorial da FCL da UNESP de Araraquara, sem os quais não teria sido possível chegar aos resultados aqui obtidos.

Araraquara, setembro de 2020.

Os editores